

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

Grupo Lakitas Sinchi Warmis

Mulheres imigrantes, configurações identitárias e
políticas mediante a interpretação da Zamponha
Andina

Viviana Peña Pereira
Abril de 2017

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Marina Ruivo.

Viviana Peña Pereira

**GRUPOS LAKITAS SINCHI WARMIS: MULHERES IMIGRANTES,
CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS E POLÍTICAS MEDIANTE A
INTERPRETAÇÃO DA ZAMPONHA ANDINA**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Eventos, produzido sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marina Ruivo do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação.

**São Paulo
2017**

GRUPO LAKITAS SINCHI WARMIS: MULHERES IMIGRANTES, CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS E POLÍTICAS MEDIANTE A INTERPRETAÇÃO DA ZAMPONHA ANDINA¹

Viviana Peña Pereira²

RESUMO: A presente pesquisa analisa como se configuram os processos identitários na experiência de mulheres imigrantes na cidade de São Paulo, originárias principalmente de países hispano-americanos, problematizando de forma pontual como tais experiências, identidades e as suas respectivas influências convergem na formação do projeto Lakitas Sinchi Warmis, vinculado ao coletivo “Equipe da Base Warmis – Convergência das Culturas”, contemplado pelo Edital da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo “Programa de Valorização de Iniciativas Culturais VAI II”. Para tanto, o cerne da presente análise reside sobre a interpretação das Zamponhas – um instrumento típico andino –, com o qual as Lakitas Sinchi Warmis reconhecem-se e ganham autonomia por meio de uma experiência coletiva que se caracteriza como uma vivência de intercâmbio, alteridade e reelaboração cultural e política, matizada na elaboração de seu projeto. Foram analisadas entrevistas com as integrantes do grupo, bem como o acompanhamento de diversas vivências realizadas por elas.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade cultural. Lakitas. Cultura andina. Mulheres imigrantes e refugiadas. Interculturalidade.

RESUMEN: La presente investigación analiza cómo se configuran los procesos identitarios en la experiencia migratoria de un grupo de mujeres provenientes principalmente de países hispanos en la ciudad de São Paulo, problematizando de forma puntual como tales experiencias, identidades y sus respectivas influencias convergen en la formación del proyecto Lakitas Sinchi Warmis, vinculado al colectivo “Equipe da Base Warmis – Convergência das Culturas”, seleccionado por la convocatoria de la Secretaría Municipal de Cultura de São Paulo Programa VAI II. Por lo tanto, el núcleo del presente análisis reside sobre la interpretación de Zamponhas – un instrumento típico andino –, en el que, las Lakitas Sinchi Warmis se reconocen y adquieren autonomía por medio de una experiencia colectiva que se caracteriza como una vivencia de intercambio, alteridad y reelaboración cultural y política, matizadas en la ejecución de su proyecto. Se instrumentalizaron entrevistas con las integrantes del grupo, así como el acompañamiento de las diversas experiencias realizadas por ellas.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Eventos, sob orientação da Profª. Marina Ruivo.

² Coordenadora do Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes do Município de São Paulo, radicada no Brasil desde 2007.

PALABRAS CLAVE: Identidad cultural. Lakitas. Cultura andina. Mujeres inmigrantes y Refugiadas. Interculturalidad.

ABSTRACT: This research discusses the processes of identity configuration in the experience of immigrant women in the city of São Paulo, mainly those of Hispanic American origin, questioning specifically such experiences, identities and their respective influences that converge in the formation of the Lakitas Sinchi project Warmis, are linked to the collective "Warmis Base Team - Convergência de Culturas - convergence of cultures-", and contemplated by the Edict of the Municipal Secretary of Culture of São Paulo " Programa de Valorização de Iniciativas Culturais VAI II - Cultural Initiatives Valorization Program VAI II-". To this end, the crux of this analysis rests on the interpretation of the Zamponhas – a typical Andean instrument – with which the Lakitas Sinchi Warmis recognizes and gains autonomy through a collective experience that is characterized as an experience of cultural an political exchange, otherness and reworking, and nuanced in developing its project. Interviews with the members of the group were analyzed, as well as the monitoring of several experiences carried out by them.

KEYWORDS: Cultural identity. Lakitas. Andean culture. Immigrant and Refugee women. Interculturality.

Sumário

1. Introdução.....	5
2. Migração no Brasil.....	6
3. Mulheres imigrantes na luta política em São Paulo	8
4. A Equipe da Base Warmis – Convergência das Culturas	10
5. A prática das Lakitas	11
6. Trabalho de campo	13
7. A Identidade cultural na migração	13
8. Considerações finais.....	15
Referências bibliográficas	16
Bibliografia Consultada.....	17
APÊNDICE A – Texto elaborado para Presenza: International Press Agency	18
ANEXO A - ENTREVISTAS	21

1. Introdução

A migração realizada por mulheres apresenta características específicas que a distingue, em vários aspectos, da migração realizada por homens. Em períodos recentes, os motivos subjacentes à migração de mulheres eram, sobretudo, explicados pela vontade de acompanhar seus companheiros, conhecida como migração afetiva. Contudo, atualmente, são cada vez mais frequentes as migrações empreendidas por conta própria, inclusive, levando consigo as crianças. Essa nova tendência gera, em certas ocasiões, violências e abusos vivenciados durante a travessia, refletindo, concomitantemente, uma maior exposição à discriminação nos países receptores.

Na experiência de chegada ao país de acolhida, a mulher imigrante enfrenta diversos entraves para sua inserção. Com a desterritorialização, as diferenças linguísticas, culturais e religiosas, assim como o confronto com a burocracia, esboçam os múltiplos desafios inerentes a esse processo, os quais transcendem as precarizações laborais:

Sin lugar a dudas uno de los procesos sociales que participa de manera determinante en la conformación de ámbitos interculturales y transfronterizos, es la migración, la cual posee gran relevancia en la dinámica intercultural contemporánea, definida a través de conceptos como diáspora, hibridación, transculturación, desterritorialización/reterritorialización, comunidades transnacionales, redes migratorias y otros conceptos desde los cuales se busca captar la condición humana que subyace a las transformaciones y recreaciones culturales que definen el sentido de la vida de millones de seres humanos en el mundo (SANZ; ARCE, 2016, p. 10).

Frente ao exposto, concebe-se que as reelaborações de práticas culturais são um ponto de conexão com os repertórios simbólicos construídos nas localidades de origem, representando, para essas mulheres, o reconhecimento de que são “de fora”, “imigrantes”. Nesse sentido, o convívio com outras mulheres imigrantes tende a amenizar as difíceis experiências desse processo de desterritorialização, criando espaços de conforto, convívio, confiança, reconhecimento e identificação no que tange às necessidades, buscas e realidades de suas vidas. Nessas interações entre mulheres imigrantes, cria-se um espaço confortável e acolhedor, onde não são julgadas por serem ou pensarem de um modo “diferente”.

Para compreensão do quadro em questão, apresenta-se, inicialmente, um breve contexto da migração no Brasil, discutindo a especificidade das mulheres imigrantes

que vêm por diversos motivos, entre eles afetivos ou acadêmicos, para, posteriormente, abordar o trabalho do coletivo da Equipe da Base Warmis na cidade de São Paulo, problematizando, especificamente, o Grupo Lakitas Sinchi Warmis, ligado ao coletivo.

A escolha do objeto do presente trabalho deve-se a uma série de experiências de cunho pessoal no que se refere à questão de migração e, posteriormente, de gênero. Levando em conta as problemáticas observadas especificamente na cidade de São Paulo desde 2007, surgiram indagações e respostas insuficientes para as adversidades enfrentadas pelas mulheres imigrantes, principalmente no que diz respeito aos seus direitos e à sua representatividade na sociedade paulistana desde a perspectiva política, social e cultural. Portanto, faz-se necessário iniciar essa pesquisa a fim de compreender as questões colocadas para, posteriormente, buscar possíveis soluções baseadas nas suas especificidades e a partir de suas próprias narrativas.

Assim, o objetivo da presente pesquisa é o exame das experiências de migração e dos processos identitários de mulheres originárias de países hispano-americanos e, sobretudo, como elas e as suas influências convergem ao delinear o projeto Lakitas Sinchi Warmis. Os vetores, objetivos e estratégias metodológicas buscaram compreender as identidades e as respectivas ressignificações na prática cultural e política em questão. Dessa forma, a noção de identidade é compreendida como uma via de mão dupla: elo entre o que foi e o que veio a ser atualizado na experiência dessas mulheres em trânsito. Para aprofundar as nuances e complexidades desse processo, metodologicamente, foi elaborado um questionário direcionado a cinco das mulheres imigrantes integrantes do grupo e foram realizadas entrevistas abertas com duas das idealizadoras do projeto.³ Em apêndice, há um texto formulado em 2016 para o site *Pressenza* que discorre sobre a temática e complementa o presente trabalho.

2. Migração no Brasil

O Brasil conta com um histórico de imigrações que vem desde os tempos coloniais. A chegada em massa de imigrantes predominantemente europeus ocorreu entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, principalmente para o estado de São Paulo. Apesar de ter diminuído, a imigração não cessou, sendo que novos contingentes formados por latino-americanos, africanos e asiáticos constituem, atualmente, os novos grupos migratórios para o país. Essas migrações, impulsionadas

³ As respostas dos questionários foram transcritas e estão anexadas ao final do trabalho.

pelo desenvolvimento econômico, causaram alterações e influenciaram as estruturas e dinâmicas das populações (BAENINGER, 2013). Ainda assim, vale mencionar que a porcentagem da migração internacional não passa de 1% da população do país, enquanto na Argentina a mesma taxa chega a 4,5%, nos Estados Unidos 14%, e no Canadá a 20% da população total.⁴

A cidade de São Paulo representa o lugar de acolhida de mais de 30%⁵ dos novos fluxos migratórios no país carregando uma história e um legado inegável no que diz respeito à migração. Trata-se, quanto à questão migratória, de uma cidade que conta com rica influência italiana, portuguesa, japonesa, árabe e hispano-americana por ter acolhido em seu território imigrantes e referências culturais dos mais diversos lugares do mundo.

Sem dúvidas, São Paulo é uma das cidades que mais acolhe imigrantes na América Latina, segundo a pesquisa *Brasil, as Américas e o mundo: opinião pública e política externa 2010-2011* (ALMEIDA; OUNUKI, CARNEIRO, 2011)⁶, contudo apenas 4% dos brasileiros se definem como latino-americanos, inclusive com uma alta presença de imigrantes hispano-americanos de diversos países do continente. Em 2016, segundo os registros da Polícia Federal, no município de São Paulo havia mais de cento e vinte mil imigrantes de origem hispano-americana regularizados compostos – em primeiro lugar – por bolivianos somando mais de sessenta mil imigrantes, seguidos por argentinos, com mais de treze mil imigrantes e, por fim, os peruanos contabilizando mais de nove mil imigrantes.⁷

No âmbito das políticas públicas, diversos foram os avanços realizados, recentemente, no sentido de melhorar a acolhida e o acesso aos direitos pelos imigrantes, em especial com a criação da Coordenação de Políticas para Migrantes da Secretaria Municipal de Direitos Humanos da Prefeitura de São Paulo em 2013, durante a gestão do então prefeito Fernando Haddad. Essa iniciativa representa um maior

⁴ Dados obtidos pelos Registros ativos de imigrantes em 2016 e disponibilizados pela Prefeitura de São Paulo por meio da Lei nº 12.527/2011 (Lei de Acesso à Informação - LAI).

⁵ Dados obtidos pelos Registros ativos de imigrantes em 2016 e disponibilizados pela Prefeitura de São Paulo por meio da Lei nº 12.527/2011 (Lei de Acesso à Informação - LAI).

⁶ *Brasil, as Américas e o Mundo: opinião pública e política externa 2010-2011* é parte do projeto colaborativo Las Américas y el Mundo – capitaneado por pesquisadores do Centro de Investigación y Docencia Económicas - CIDE (México) e realizado por uma rede de instituições acadêmicas do continente americano. No Brasil, os questionários foram aplicados a uma amostra intencional de 200 líderes políticos e sociais e a uma amostra aleatória, de 2400 entrevistados, realizada pelos pesquisadores do IRI-USP.

⁷ Dados obtidos pelos Registros ativos de imigrantes em 2016 e disponibilizados pela Prefeitura de São Paulo por meio da Lei nº 12.527/2011 (Lei de Acesso à Informação - LAI).

interesse do poder público para visibilizar medidas que permitam às comunidades sentirem-se integradas e pertencentes à vida da cidade.

Como resultado dos avanços que representam o interesse do poder público em atender as demandas históricas dos diversos grupos imigrantes no município, destaca-se a Lei Municipal nº 16.478 que institui a Política Municipal para a População Imigrante, dispondo sobre seus objetivos, diretrizes e ações prioritárias, bem como sobre o Conselho Municipal de Imigrantes (SÃO PAULO, 2016). Assim valorizam-se as culturas dos imigrantes e priorizam o acesso a serviços públicos, a equipamentos de assistência social, de saúde, esportivos e culturais da rede municipal, ampliando o conceito de acessibilidade experienciado por essas pessoas.

3. Mulheres imigrantes na luta política em São Paulo

Segundo a Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), as migrações de mulheres no mundo alcançam quase a metade das cifras de deslocamento urbano. Tal dado indica a necessidade de se atender às demandas específicas dessa população, bem como de dar visibilidade à situação dessas mulheres nos diversos contextos.

No Brasil, o histórico de migração tem sido majoritariamente composto por grupos familiares e por homens sozinhos. Contudo, em anos recentes os números da migração feminina têm aumentado. Segundo dados da Polícia Federal, em 2016 o total de mulheres imigrantes no país alcançava a cifra de 505.779, de um total de 1.211.129 imigrantes em situação documentada, representando quase 40% do total. Comparativamente, no município de São Paulo, 175.789, de um total de 385.120 imigrantes em situação documentada, são mulheres, representando, portanto, quase a metade do número total de imigrantes.⁸

Diante de um panorama de abertura econômica e crescimento comercial como o que o país viveu recentemente, um número cada vez maior de mulheres tem imigrado, algumas delas de forma mais autônoma, enquanto outras por motivos afetivos, econômicos ou acadêmicos, os quais abarcam o trabalho produtivo e reprodutivo.

As mulheres imigrantes latino-americanas na cidade de São Paulo buscam redes de apoio junto às suas comunidades de origem, mas enfrentam a falta de espaços

⁸ Dados obtidos pelos Registros ativos de imigrantes em 2016 e disponibilizados pela Prefeitura de São Paulo por meio da Lei nº 12.527/2011 (Lei de Acesso à Informação - LAI).

específicos para discutir as questões de gênero relacionadas às suas particularidades. Algumas mulheres imigrantes ligadas à luta de gênero, entretanto, procuram espaços de discussão política, tendo em vista participar dos movimentos locais. Nesses espaços, muito embora a luta das mulheres imigrantes seja reconhecida, apresentam-se desafios práticos para incorporar as lutas específicas da imigração às demandas feministas locais.

No contexto dessa luta, foram formados coletivos e grupos que trabalham as questões de gênero com mulheres imigrantes, bem como a Frente de Mulheres Imigrantes e Refugiadas, constituída em 2013 como um bloco específico dentro da Marcha de Imigrantes que acontece anualmente na cidade de São Paulo desde o ano de 2006. A frente impulsionou a mobilização e a construção de um movimento de mulheres imigrantes e refugiadas de diferentes coletivos, que se manifestam e posicionam em conjunturas políticas em prol dos direitos das mulheres imigrantes e refugiadas, lutando por maior visibilidade e espaços de protagonismo. Essa frente inclui os seguintes coletivos: Presença de América Latina (PAL); Mulheres Tecendo; Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas; Centro de Apoio e Pastoral do Migrante CAMI; Projeto Sí, Yo Puedo; Coletivo de Arpilleristas em São Paulo; Ida África Coletivo MiLuta; Yana Willqa, além de outras mulheres ativistas independentes.

Dentre algumas conquistas da Frente de Mulheres Imigrantes e Refugiadas, salienta-se a participação de suas integrantes nas diversas conferências e seminários temáticos desenvolvidos pelo poder público municipal, estadual e federal nos últimos anos. Essa participação foi capaz de problematizar e levar, de maneira transversal, a inclusão da temática da imigração e do refúgio nas agendas dos diversos órgãos que trabalham com a questão de gênero. Dessa forma, a Frente levantou demandas para o desenvolvimento de políticas públicas que contemplassem essa interseccionalidade. Na publicação da Prefeitura de São Paulo, *Mulheres Imigrantes e Refugiadas e a luta por políticas públicas na cidade de São Paulo*, foram levantadas ineditamente diversas demandas específicas dessa população:

A participação das mulheres imigrantes e refugiadas nos espaços de discussão de políticas públicas municipais é um marco histórico na construção das políticas de gênero na cidade de São Paulo. A Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres – SMPM através da Coordenação de Participação e controle Social e da Assessoria de Ações Temáticas teve como uma das iniciativas principais o fomento de ações para o fortalecimento do protagonismo político das mulheres imigrantes e refugiadas em sua gestão.

Outro passo importante se deu na elaboração de um abaixo-assinado, em 2016, no VII Fórum Social Mundial das Migrações que exigiu a criação do Eixo 3 – “Migração, Gênero e Corpo”, a fim de propiciar maior visibilidade a essa discussão e comprometimento com a igualdade de gênero em todas suas atividades. No mesmo sentido de fortalecimento e articulação entre as questões de gênero e imigração, a Frente participou também da Marcha Internacional da Mulher e da Marcha da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha.

4. A Equipe da Base Warmis – Convergência das Culturas

A Warmis⁹ – Convergência das Culturas é um coletivo formado em 2013 por iniciativa de duas amigas imigrantes: uma mulher boliviana e uma chilena, ambas integrantes do Movimento Internacional Humanista. Devido ao interesse de desenvolver atividades em prol de um mundo melhor – um propósito do Movimento Humanista de que fazem parte –, elas focalizaram a questão do gênero em suas interações com mulheres em situação de vulnerabilidade da comunidade boliviana. Essas interlocuções começaram na Praça Kantuta, um dos mais representativos pontos de encontro da comunidade boliviana na cidade de São Paulo, localizada no bairro do Pari na região central. Mais recentemente, a iniciativa expandiu sua atuação por meio da participação de outras voluntárias brasileiras, de imigrantes de classe média e também de estudantes latino-americanas. O coletivo foi se fortalecendo e se centrando em temas ligados à saúde e à interculturalidade da mulher andina e latino-americana, com especial atenção à área obstétrica. Essa opção deveu-se ao fato de terem ocorrido várias violências na área de saúde, inclusive mortes de diversas pacientes de origem latino-americana por ocasião de partos realizados pelo serviço médico da cidade de São Paulo.

A Warmis, vinculada à Convergência das Culturas – um organismo ligado ao chamado Movimento Humanista –, tem desenvolvido diversos projetos na cidade de São Paulo, ligados em especial às mulheres andinas e hispano-americanas. As mulheres do coletivo reúnem-se uma vez por semana para dialogar sobre suas experiências cotidianas. Durante o encontro, são realizados exercícios de autoconhecimento e fortalecimento interno e também são discutidos os projetos e a agenda de ações do coletivo.

⁹ Warmis significa “mulheres”, tanto em quéchua quanto em aymara.

O Humanismo, por sua vez, promove a não-violência, estimulando o diálogo intercultural, denunciando e lutando contra toda forma de discriminação e todo tipo de violência, pautando-se pelos valores dos Direitos Humanos. O escritor argentino e descendente de espanhóis, Mario Rodriguez Cobos, apelidado de Silou, foi o fundador do Movimento Humanista, que conta com uma extensa obra e milhões de seguidores no mundo. Suas ideias inspiraram a Marcha Mundial pela Paz e Não-Violência. O movimento, que nasceu na Cordilheira dos Andes, na região de Punta de Vacas, próximo da fronteira entre Argentina e o Chile, em 1969, é também chamado de Siloísta.

5. A prática das Lakitas

As Lakitas são um estilo de cortejo muito característico do Norte do Chile, região onde há grande incidência de comunidades indígenas. Sua melodia é interpretada por dois tipos de flautas, a Arca e a Ira, e vai sendo tecida em conjunto, acompanhada por um trio de percussão. Tradicionalmente interpretadas por homens, num legado familiar e transmitido oralmente, de geração em geração, as Lakitas estão associadas às épocas de colheita e a algumas celebrações católicas.

Prática historicamente masculina, as Lakitas abriam espaço à mulher somente na interpretação da percussão, sem que elas pudessem ter qualquer tipo de reconhecimento como componentes do grupo. Seu som tem características próprias e específicas, que o diferenciam de outros estilos andinos.

Nos anos 1980, durante a ditadura militar chilena, deu-se início a uma onda de nacionalismo que se voltou aos elementos folclóricos, levando as práticas tradicionais para as cidades, disseminando e aceitando as influências aymaras e andinas. Foi assim que surgiram as primeiras agrupações de Lakitas distantes da região Norte, iniciando-se pela região central do Chile, na cidade de Valparaíso. Um grupo de estudantes de música da Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso (PUCV) juntou-se para interpretar a prática andina, abrindo espaço para que as mulheres tocassem os instrumentos, mas sem que fossem consideradas propriamente como parte do grupo.

Questionando o caráter estritamente masculino dessa prática, um grupo de mulheres estudantes de música e de outras disciplinas resolveu formar um conjunto para ter maior participação nessa atividade. Assim, criaram um cortejo feminino, transgredindo e reelaborando o ritual da interpretação das Lakitas. Com isso, passaram a

gerar novos laços e identificação, por meio da criação de um espaço político de resgate do feminino, que não se caracterizasse como uma imitação dos homens. Um espaço, ainda, distante da hierarquia que permeia essas agrupações, além de afastado do contexto tradicional e originário da prática. Dessa forma, elas reelaboraram e reinterpretaram a prática das Lakitas.

Depois de dois anos de atividades ligadas ao ambiente da academia, o grupo Lakitas Matriasay seguiu um percurso independente: primeiro, se reconhecendo como Lakitas, depois, passando à participação em diversas comemorações no país, inclusive no Norte do Chile, como, por exemplo, a Páscoa de Negros, que se relaciona ao nascimento de Jesus. A popularização da internet e o surgimento das redes sociais também contribuíram para a criação de redes e a expansão da prática para outras regiões do Chile e mesmo para outros países, como a Argentina.

Mariela Pizarro Zipa, artista originária da região de Antofagasta, no Norte do Chile, participou durante quinze anos do grupo, em Valparaíso. Nesse tempo, o grupo evoluiu e participou de diversas atividades e eventos, e Mariela passou também por um autorreconhecimento, envolvendo o aspecto pessoal da sua identidade de chilena do Norte, de mulher do deserto. Com o intuito de realizar um mestrado e buscar melhores condições de vida, Mariela decidiu vir ao Brasil em 2015.

Já radicada em São Paulo, Mariela realizou seus estudos de língua portuguesa numa instituição cultural ligada ao trabalho com refugiados e foi convidada para ministrar oficinas de arte e cultura chilena. Sua proposta foi ministrar uma oficina de Lakitas, aproveitando-se de sua experiência de mais de quinze anos nessa prática. Da oficina participaram Andrea Carabantes e Jobana Moya, idealizadoras da Equipe da Base Warmis.

O projeto Lakitas Sinchi Warmis foi iniciado no ano de 2015, como uma iniciativa da Equipe da Base Warmis e da artista chilena Mariela, inaugurando na cidade de São Paulo esta experiência coletiva de interpretação de Zamponhas. O grupo é composto por 18 mulheres imigrantes, originadas de diversos países, não exclusivamente latino-americanos. O projeto foi selecionado pelo Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) na modalidade II, no ano de 2016 e 2017.

6. Trabalho de campo

As reuniões do coletivo foram acompanhadas desde dezembro de 2016, além de ter havido o acompanhamento de alguns ensaios e apresentações do grupo, apontados no quadro abaixo:

QUADRO 1 – Cronograma do trabalho de campo

Data (mês/ano)	Evento	Pequena reflexão
12/2016	Reunião do coletivo	Observação / Roda de Conversa
02/2017	Reunião do coletivo	Dinâmicas de experiências guiadas
02/2017	Reunião do coletivo	Observação
02/2017	Ensaio e Apresentação: Festival TAI	Registro Fotográfico
03/2017	Marcha do Dia das Mulheres	Registro Fotográfico
04/2017	Reunião do coletivo	Ouvinte
04/2017	Entrevistas e ensaios	

Fonte: Elaboração própria

As entrevistas foram realizadas com uma das fundadoras de origem chilena da Equipe da Base Warmis para conhecer as origens e interesses do coletivo e com a musicista chilena que trouxe a prática do estilo das Lakitas para o Brasil. Foi também elaborado um questionário, aplicado a cinco integrantes do grupo – sendo todas mulheres imigrantes de origens diferentes: boliviana, colombiana, costarriquenha, peruana e estadunidense descendente de imigrantes mexicanos e europeus.

7. A identidade cultural na migração

Nas entrevistas foram observados alguns pontos em comum, como o fato de que a migração foi realizada com o objetivo de buscar melhores condições de vida e, por isso, pautada por interesses econômicos, acadêmicos e, ainda, relacionados a questões afetivas. As mulheres entrevistadas também apontaram as dificuldades que sentiram na adaptação à cidade de São Paulo, principalmente a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, os entraves linguísticos e o que identificaram como falta de paciência dos locais de atendimento público para lidar com pessoas originárias de outros países. Destacaram ainda a saudade da família que ficou nos seus países de origem.

Sobre as origens, todas se identificaram culturalmente com seus países natais, mesmo depois de anos de migração, embora uma das entrevistadas tenha expressado rejeição com relação a seu país, pelos problemas nele existentes. Na experiência de migração, essa rejeição parece decorrer de uma dupla sensação de não-pertencimento: nem ao país de origem, nem ao país de acolhida. Essa entrevistada apontou, no entanto, que os temas culturais ligados à música representam um ponto de reconciliação com a sua cultura de origem. Outra entrevistada, originária dos Estados Unidos, apontou como ela se sente privilegiada como imigrante, não tendo passado por grandes dificuldades econômicas. Contudo, ela destaca o desafio de se reconhecer, pela primeira vez, como imigrante e de sentir que, pelo fato de provir de um país desenvolvido, algumas vezes é tratada de uma forma infantilizada pelos brasileiros, que questionam as razões para sua migração.

Por fim, havia o interesse principal desta pesquisa de analisar as contribuições da experiência no Grupo Lakitas Sinchi Warmis para a vida das participantes na cidade de São Paulo. Nesse ponto, todas elas concordaram que a prática do grupo gera um espaço de acolhida, aprendizado, solidariedade, pertencimento, sororidade, identificação com as companheiras e construção política; o que resulta em sensações positivas e contribui para a melhor adaptação e reconhecimento delas como imigrantes, uma integrante costarriquenha das Lakitas Sinchi Warmis (informação verbal)¹⁰:

Las Lakitas son un lugar de acogida, donde hablo español, donde mis códigos son entendidos, y donde entiendo los códigos de mis compañeras, donde nos fortalecemos como mujeres inmigrantes latinoamericanas, donde las expresiones culturales de mis compañeras andinas me permiten acercarme a mis propios orígenes, y hacer de eso un acto político.

Os repertórios simbólicos que a mulher imigrante carrega estão diretamente relacionados à sua experiência de vida no lugar de origem. No seu confronto com diferentes códigos culturais, ela reelabora, na vida cotidiana na localidade de fixação, símbolos e práticas de um tempo anterior à emigração. Tendo migrado para o Brasil, um país muito extenso, onde reinam, por um lado, a diversidade, e, por outro lado, uma força de padronização cultural, essas mulheres sentem muita pressão por terem a aparência de cidadãs locais não-migrantes, apesar de não terem ainda assimilado conceitos complexos da cultura local. Isso se deve ao fato de que o “ser local” não é

¹⁰ Entrevista realizada em março de 2017 na cidade de São Paulo. As identidades das entrevistadas foram preservadas.

algo uniforme. Na experiência migratória, surgem divergências culturais que são apaziguadas com a prática e reelaboração identitária e política vivenciadas pelo projeto das Lakitas:

Essa política das diferenças emerge persistentemente nos discursos suplementares da nação e nas práticas sociais cotidianas das populações desterritorializadas, revelando os confrontos e embates com as [novas e diferentes] construções de gênero, classe e raça que estão imbricadas nas estruturas de exclusão e inclusão social dos países de Recepção (FELDMAN-BIANCO, 1997, s/p).

Muitas vezes, dentro das comunidades, a mulher imigrante busca se identificar e se conectar, mesmo que parcialmente com a cultura que ela conheceu antes da migração. No início da experiência migratória, pode inclusive surgir certa rejeição dos códigos culturais vigentes na localidade onde ela passou a viver. Essa rejeição, que pode ser lida como uma dificuldade de adaptação, muitas vezes deve-se a um problema de tradução cultural. Como ressalta Hall (2005, p. 38),

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

No grupo, as mulheres acabam encontrando afinidade numa prática que não é necessariamente própria da sua cultura de origem – no caso das integrantes de origens não andinas –, mas as oportunidades de intercâmbio e convívio com outras mulheres imigrantes criam um ambiente apto para que se sintam reconhecidas e à vontade. Como afirma uma integrante colombiana das Lakitas Sinchi Warmis (informação verbal)¹¹:

Experiência muito positiva, foi uma luz, eu estava num momento complicado, consegui me sentir parte de algo, eu estava muito isolada e estava gerando muito conflito, senti identificação com a língua e com o tema feminino, agradeço por poder me reconhecer e participar desse tipo de socialização, avancei muito na minha experiência em São Paulo.

8. Considerações finais

A importância da existência de iniciativas como as Lakitas Sinchi Warmis na experiência de criação de espaços de convívio e de reconhecimento das mulheres

¹¹ Entrevista realizada em março de 2017 na cidade de São Paulo. As identidades das entrevistadas foram preservadas.

imigrantes no município de São Paulo aponta para a necessidade de reunir esses dois elementos na militância política, de migração e de gênero.

A reelaboração do processo dessa prática musical desvela-se a partir de três ressignificações verificadas no decorrer da sua prática. Inicialmente compreendida como uma atividade historicamente realizada por homens localizados nas áreas desérticas do norte do Chile, a prática musical foi apropriada e ressignificada por homens na Academia em Valparaíso. Depois disso, foi mais uma vez reelaborada por mulheres acadêmicas, como resposta política de reivindicação de gênero. A terceira dimensão desse processo vislumbra-se em solo paulista, ao ser trazida do Chile por uma das componentes do grupo original. Nessa experiência, a prática musical é interpretada por um grupo de mulheres imigrantes que nunca tiveram contato anterior com essa tradição.

Há que salientar que a participação em editais da Prefeitura do Município de São Paulo, como o Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI II), é extremamente relevante, tanto pela visibilização da identidade cultural andina, tão presente na cidade, quanto pela integração das mulheres imigrantes na vida da cidade. Desse modo, os repertórios simbólicos das mulheres imigrantes são respeitados e aproveitados para o enriquecimento da cultura local, criando e abrindo novos espaços de diálogo e reivindicação cultural e política, gerando novas formas harmoniosas de convívio, respondendo às necessidades e dilemas desses grupos. Tomam-se aqui algumas palavras de Bauman, a fim de sinalizar o desejo de que práticas culturais a exemplo das Lachitas Sinchi Warmis sigam sendo formadas e desenvolvidas, em São Paulo e no Brasil:

Os imigrantes não têm escolha a não ser tornar-se outra “minorias étnica” no país de adoção. E os locais não têm escolha a não ser preparar-se para uma longa vida em meio às diásporas. Espera-se que ambos encontrem seus caminhos para enfrentar as realidades fundadas no poder (BAUMAN, 2003, p. 93).

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; OUNUKI, Janina; CARNEIRO, Leandro Piquet. **Brasil, as Américas e o Mundo: opinião pública e política externa 2010-2011**. Imprensa Oficial, IRI-USP, 59p, 2011. Disponível em: http://www.usp.br/iri/documentos/brasil_americas_mundo.pdf.

BAENINGER, Rosana. **Atlas Temático: Observatório das Migrações em São Paulo**. Campinas: Núcleo de Estudos de População, Nepo/Unicamp, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **Imigração, confrontos culturais e (re)construções de identidade feminina: O caso das intermediárias culturais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 65-83, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERRERA, Gioconda. Género y migración internacional en la experiencia latinoamericana. De la visibilización del campo a una presencia selectiva. **Política y Sociedad**, 2012, v. 49, n. 1, p. 35-46.

SANZ, Nuria; ARCE, José Manuel Valenzuela (Eds./Coords.). **Migración y Cultura**. Tijuana : El Colegio de la Frontera Norte : Mexico, D. F.: UNESCO, 2016.

SÃO PAULO. Lei nº 16478 de 08/07/2016. Institui a Política Municipal para a População Imigrante, dispõe sobre seus objetivos, princípios, diretrizes e ações prioritárias, bem como sobre o Conselho Municipal de Imigrantes. **Diário Oficial [da cidade de São Paulo]**, São Paulo, 9.jul.2016. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=325960>

Bibliografia Consultada

CASTILLO MURRIE, Diana et al. **Mujer y migración: la voz de las mujeres andinas migrantes**. Bogotá: Fundación Esperanza, 2013.

EQUIPE DE BASE WARMIS. **Lakitas Sinchi Warmis**. Disponível em: <<http://www.warmis.org/projetos/lakitas-sinchi-warmis.html>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

GREGORIO GIL, Carmen. **Migración femenina**. Su impacto en las migraciones de género. Madrid: Narcea, 1998.

MARTINEZ, Pizarro. El mapa migratorio de América Latina y el Caribe, Las mujeres y el género. **CEPAL – Serie Población y desarrollo**, Santiago de Chile, n. 44, 2003.

PEÑA, Viviana. Coordinar el Centro de Referencia para Inmigrantes de la municipalidad de São Paulo, un asunto de representatividad. **Pressenza**, 12. jan. 16. Disponível em: <<https://www.pressenza.com/es/2016/12/coordinar-el-centro-de-referencia-para-inmigrantes-de-la-municipalidad-de-sao-paulo-un-asunto-de-representatividad/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

APÊNDICE A – Texto elaborado para Pressenza: International Press Agency

Coordinar el Centro de Referencia para Inmigrantes de la municipalidad de São Paulo, un asunto de representatividad.¹²

Ser mulher, ser imigrante, ter um sotaque, vir de um país que carrega uma péssima fama, são fronteiras invisíveis que devo atravessar todos os dias, na minha vida de migrante. Ninguém disse que seria fácil, quem migra tem uma grande força interior, lidar todos os dias com o desapego é para corajosos, ao sair de seu lugar e referências, a adaptação e adequação a outras, ainda que não seja simples, eu escolhi migrar, outros não contam com tal sorte e têm que fugir e improvisar uma nova vida, às vezes com pouco ou nenhum apoio.

Há uns anos, em meio a uma crise de identidade, me propus a trabalhar e velar pelo reconhecimento das diversas culturas imigrantes em São Paulo, principalmente a latino-americana, e descobri que muitos imigrantes, para se proteger dos preconceitos, deixam para trás inclusive seus costumes, o que me parece cruel, já que o intercâmbio cultural brinda todas as possibilidades de enriquecimento mútuo em todos os sentidos, inclusive no econômico. Dou fé de quantos projetos de imigrantes e refugiados têm tido sucesso pela sua altíssima qualidade, proposta e possibilidades, inclusive em nível comercial, e me parece muito desrespeitoso afirmar que os imigrantes só trazem problemas, porque isso excluiria o motor intercultural e laboral que a migração aporta.

Hoje em dia, as migrações no mundo têm alcançado bastante repercussão, nem sempre positiva, a mídia se esforça em gerar lástima, dor e em reforçar os preconceitos sobre o assunto.

No Brasil, tem havido um impacto também, e, ainda que aqui exista um amplo histórico de migração, são comuns o preconceito e a discriminação, principalmente contra os imigrantes vindos de países pobres, negros e que têm traços indígenas. As mulheres não estão de fora desse grupo, já que quando há dificuldades econômicas, são elas quem mais resultam afetadas, pelo fato de que são as últimas a regularizar sua situação migratória. Para além de assumir os trabalhos do lar e os cuidados das crianças, elas se veem na obrigação de se submeter a trabalhos para complementar a renda familiar, momento em que são subvalorizadas simplesmente pelo fato de serem

¹² Tradução elaborada pela autora. Disponível em: <http://www.pressenza.com/es/2016/12/coordinar-el-centro-de-referencia-para-inmigrantes-de-la-municipalidad-de-sao-paulo-un-asunto-de-representatividad/>

mulheres e imigrantes. Muito há para admirar as mulheres que têm filhos no exterior, são maravilhosas guerreiras, com as quais tenho muito que aprender e agradecer.

A academia tem realizado um grande trabalho de análises, estudos e eventos, um trabalho muito importante para a visibilidade do tema, no entanto existe uma porcentagem considerável de pesquisadores que infelizmente busca e estuda o assunto mediante uma perspectiva superficial, bastante invasiva, e com pouca preparação e pesquisa prévias, o que, sem os devidos cuidados, acaba por intimidar ainda mais o imigrante e reforçar os temidos estereótipos.

Nestes nove anos tenho estado envolvida com o tema migrante, colaborando com diversos projetos socioculturais dos mais variados temas, e também me familiarizei com alguns procedimentos burocráticos, porque muitos amigos e conhecidos me consultavam sobre trâmites de documentação, e é fácil se perder entre tanta burocracia. Felizmente tenho sido altamente inspirada pelo trabalho de vários grupos e coletivos de imigrantes que estão aqui há mais tempo, e outros mais recentes, mas não menos inspiradores, como minhas irmãs da Frente de Mulheres Imigrantes e Refugiadas, um grupo de coletivos de mulheres e de mulheres independentes que buscam dar visibilidade e protagonismo à mulher imigrante.

Sempre tive receio de participar ativamente em nível social e político, já que, por temas ligados à legislação, as e os imigrantes temos restrições de participação social e política. No Brasil, a legislação vigente (O Estatuto do estrangeiro, 1980) que trata sobre temas migratórios data da época da ditadura militar, com uma visão securitária, o que limita profundamente que o imigrante seja visto como sujeito de direitos. Atualmente encontra-se em tramitação o projeto de lei 2516/2015, que conta com o potencial de substituir tal estatuto, e que já foi aprovado na Câmara, tendo seguido para o Senado.

Nos últimos anos tem havido grandes avanços no âmbito municipal da cidade de São Paulo, têm sido escutadas as demandas históricas dos imigrantes, que têm incluído ativamente o tema da migração na pauta, desde 2013, com a criação da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, de que forma parte a Coordenação de Políticas para Migrantes. É bastante o que já se pôde avançar, como a aprovação em 2016 da *Lei Municipal de Políticas para Imigrantes*, que é intersetorial e muito avançada, abrindo um precedente muito importante para o modo pelo qual serão discutidas as políticas públicas na cidade e o acesso que os imigrantes terão graças a todo esse trabalho. O CRAI, Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes da

Prefeitura de SP administrado pelo Sefras – Serviço Franciscano de Solidariedade, é um espaço fruto de muitos anos de lutas e demandas da sociedade civil. Em 2014, abre suas portas para atender e orientar a todo tipo de imigrantes, principalmente aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade, fornecendo informações e orientações sobre seus direitos, acesso a serviços públicos, orientação sobre regularização migratória, assessoria jurídica; orientadores imigrantes, o que aproxima mais o contato, levam a cabo formações que reforçam a autonomia dos imigrantes e refugiados, mediante a sensibilização e contextualização sobre a temática com funcionários públicos e a sociedade civil em geral, buscando lutar contra os preconceitos que estão instaurados na sociedade. Desde setembro de 2016, sou a coordenadora, sendo a primeira mulher imigrante a ocupar o cargo, apesar dos micro-machismos que todas as mulheres devemos afrontar no nosso dia a dia, considero fundamental que nós, as mulheres imigrantes, tenhamos maior participação, e estejamos preparadas para ocupar os espaços em que estão sendo discutidos assuntos que dizem respeito a nós, à nossa situação, principalmente se poderão ser transformados em políticas públicas.

Para mim representa uma dupla conquista ocupar este lugar, porque ser mulher imigrante abre as possibilidades para que outros imigrantes ocupem espaços de proposta. Sou também parte da Frente de Mulheres Imigrantes e Refugiadas, um grupo no qual o intercâmbio é enorme em todos os aspectos, somos mulheres que aprendemos e nos ajudamos em diversos níveis, e eu gostaria de ver essas mulheres tão lutadoras e talentosas ocupando cargos públicos e sendo reconhecidas por seu trabalho. Temos algumas mulheres imigrantes representantes em alguns dos conselhos municipais, algo inédito, tendo em conta que os imigrantes não têm direito a voto no Brasil. É fundamental ter representatividade e falar por nós mesmos.

Nenhum ser humano é ilegal, migrar sempre tem estado associado ao ser humano.

ANEXO A - ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas com cinco mulheres imigrantes entre março e abril de 2017 na cidade de São Paulo. Para preservar a identidade das entrevistadas, seus nomes e idades serão suprimidos.

Entrevistadora: Qual foi o motivo para você ou sua família migrar para o Brasil e, especificamente, se radicar em São Paulo?

Mulher Imigrante Boliviana: Reunião familiar e interesses acadêmicos

Mulher Imigrante Costarriquenha: Interesses acadêmicos.

Mulher Imigrante Peruana: Estudos Psicologia sobre sexualidade

Mulher Imigrante Estadunidense: Relacionamento com um brasileiro e interesses acadêmicos.

Mulher Imigrante Colombiana: Interesse em sair do meu país, relacionamento com uma brasileira, me ver em outros contextos profissional e pessoal.

E: Como essa migração tem impactado sua vida?

MIB: Lo más doloroso al comienzo fue estar lejos de la familia (hoy no es mas) llegar acá y comenzar de cero. Muchas veces sintiendo la discriminación por parte de mis mismos compatriotas eso fue algo q más me llamo la atención. Y por eso también decidí un poco distanciarme de ellos, mi adaptación fue fácil en los estudios y trabajo pues ya dominaba el idioma.

MICR: En San Pablo comencé a pasar por una serie de dificultades, pero sin mucha consciencia de mi condición como inmigrante. Desde enfrentar las burocracias y violencias de la policía federal, las dificultades económicas propias de la informalidad laboral, la imposibilidad de entrar con proceso de reconocimiento de mi diploma de graduación; y las manifestaciones de xenofobia, que no eran tan nítidas en aquella época.

MIP: Muito, porque eu vim para estudar temas ligados á sexualidade e estando no Brasil tive que repensar bastante meus objetivos, me voltei sobre o feminismo e gênero, acabei participando na militância feminista, junto com meus colegas e professores na universidade de Recife, conhecer o feminismo dentro do plano acadêmico, foi muito importante para mim eu me apropriei dessas lutas estando estudando, de lá eu trouxe essa experiência para São Paulo, e estando aqui me somei a luta das Mulheres

imigrantes, participo ativamente porque considero que é necessário manter uma luta constante para dar mais visibilidade às mulheres imigrantes e refugiadas na cidade de São Paulo, porque é uma luta que não vejo muito forte em outras cidades e estados, é necessário somar forças para que a mulher se veja protegida fora dos seus países, e que seja acolhida em todos os seus direitos, por isso foi muito importante para mim e para minha vida essa experiência de migração pela solidariedade e sororidade entre nós.

MIE: A nova língua, se reconhecer como imigrante privilegiada, os questionamento sobre a origem americana, na área acadêmica, ser imigrante muda o comportamento e a cultura, A reação das pessoas sobre minha nacionalidades.

MIC: A adaptação em geral, principalmente no que diz respeito ao trabalho e acadêmico, descobrir coisas sobre mim mesma, se ver como imigrante, a rejeição das pessoas, as possibilidades não são as mesmas, ao sotaque, me reconhecer fora da minha zona de confort, me senti como uma criança por conta da língua, mudei as dinâmicas que tinha no meu país, estou numa reconstrução de mim, com problemas de saúde e emocionais, surpresas

E: Quais são suas origens, culturalmente falando?

MIB: Mis padres tienen origen aymara y desde pequeña fui apasionada por la cultura aymara. Mas como tengo viajado tanto no puedo decir que sólo tengo ese origen puesto q en mi familia hay varias personas de diversos países y varias "culturas" bolivianas. Puedo decir que tengo una miscelánea de culturas pues tengo influencias de varias culturas.

MICR: Mis orígenes culturales están en Centro América, yo me identifico como centro americana. Esa identidad centroamericana se reforzó aquí en San Pablo, junto con el proceso de identificación como inmigrante. Pasé mucho tiempo sintiéndome como una estudiante extranjera con un objetivo claro y con la perspectiva de retorno en el mediano plazo. Estando lejos, y enfrentando la sensación de no pertenecimiento, tuve que mirar hacia mis orígenes y reconocer mis raíces indígenas, que vienen por el lado materno. Y eso hoy se refleja en mí en la valorización de los aportes de los conocimientos y prácticas ancestrales que fueron apagadas por una historia oficial familiar que valoriza más los orígenes europeos

MIP: Principalmente a cultura andina, a comida, a música, a militância.

MIE: Tenho origens mexicanas muito fortes, e uma cultura muito aberta pelo fato de ser californiana, não me considero a “clásica” estadounidense.

MIC: Eu venho de Bogotá, capital da Colômbia, cidade que fica a 2600 mts, venho de uma família tradicional, mas aberta principalmente pela minha orientação sexual, eles tem me apoiado, depois de ter passado por um processo longo. Sobre minhas origens tenho reconhecido muitas coisas a nível social, no relacionamentos com os outros, sou de uma cultura muito urbana, mas no trabalho tenho trabalhado com temas indígenas, eu me sinto um pouco perdida, eu me reconheço como colombiana, mas não me sinto parte nem de lá nem de aca, nesse momento eu não consigo me reconhecer, a vivencia na cidade de São Paulo tem reforçado essa sensação.

E: Você segue se identificando com essas origens?

MIB: Sim me identifico muito com a cultura andina, principalmente com a cultura Aymara.

MICR: Esa identidad centroamericana se reforzó aquí en San Pablo, junto con el proceso de identificación como inmigrante

MIP: Me identifico com as minhas origens, mas também adquiri novas costumes aqui em São Paulo, que quando vou para o meu país compartilho com minha família e amigos.

MIE: Não sei dizer qual seria a minha cultura, sou californiana de um área muito influenciada pelas culturas migrantes principalmente vietnamitas e mexicanas, sendo descendente de mexicano (pai) e mãe descendente de europeios não me identifico com a cultura estadunidense, tal vez na pontualidade.

MIC: Estou num ponto de limbo, não me reconheço nos espaços, SP me gerou conflitos, mas na Colômbia também não me sinto a vontade, a musica me conecta, minha origem é colombiana, me dói a historia do meu país.

E: O que tem trazido para sua vida a experiência de participar do grupo Lakitas Sinchi Warmis?

MIB: El formar parte de las Lakitas fue una de las mejores experiencias que tuve, y pues unió cosas por las cuales soy encantada: música autóctona, gente de diversos países, un lugar de encuentro entre Mujeres con el mismo propósito, ya que son pocos los lugares para mujeres.

MICR: Las Lakitas son un lugar de acogida, donde hablo español, donde mis códigos son entendidos, y donde entiendo los códigos de mis compañeras, donde nos fortalecemos como mujeres inmigrantes latinoamericanas, donde las expresiones

culturales de mis compañeras andinas me permiten acercarme a mis propios orígenes, y hacer de eso un acto político! Acto político porque ocupamos los espacios públicos de la ciudad, marcamos presencia y colocamos nuestros sentires como mujeres inmigrantes. Y porque creamos una red mediada por la solidaridad.

MIP: É um diálogo musical, o intercâmbio, reforçar a identidade, ato político origem imigrantes, transição entre o país de origem e o país acolhedor, manter a cultura andina como parte da cultura latino-americana,

MIE: Sinto solidariedade, promove as culturas que eu acho merecem mais espaço, estar com mulheres em situações similares, usando arte para contribuir para o movimento dos direitos dos imigrantes, é uma honra fazer parte do grupo, fui bem aceita mesmo sendo imigrante privilegiada, me sinto aceita pelo grupo mesmo com a diferença de origens, comparar as culturas sem julgar, é um projeto importante de refletir sobre a experiência de migração, espaço de amizade, amor e solidariedade.

MIC: Experiência muito positiva, foi uma luz estava num momento complicado, consegui me sentir parte de algo, eu estava muito isolada e estava gerando muito conflito, identificação com a língua com o tema feminino, agradeço por poder me reconhecer e participar desse tipo de socialização, avancei muito na minha experiência em São Paulo.